



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE
BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

PAULO VINÍCIUS DOS SANTOS MOURA

**“O FRUTO DENTRO DA CASCA”: A CONSTRUÇÃO DAS
PERSONAGENS ADULTAS A PARTIR DA INFÂNCIA, EM
*MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E DOM
CASMURRO* DE MACHADO DE ASSIS**

PICOS

2019

PAULO VINÍCIUS DOS SANTOS MOURA

**“O FRUTO DENTRO DA CASCA”: A CONSTRUÇÃO DAS
PERSONAGENS ADULTAS A PARTIR DA INFÂNCIA, EM
*MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E DOM
CASMURRO DE MACHADO DE ASSIS***

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientadora: **Prof^a. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro**

PICOS

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929f Moura, Paulo Vinícius dos Santos.
“O Fruto Dentro da Casca”: a construção das personagens adultas a partir da infância em memórias póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro de Machado de Assis. / Paulo Vinícius dos Santos Moura. -- Picos,PI, 2019.
34 f.
CD-ROM: 4 ¼ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
“Orientador(A): Prof.ª Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro.”

1. Análise do Discurso - Literatura. 2. Machado de Assis.
3. Personagem Literário. I. Título.

CDD 306.488

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

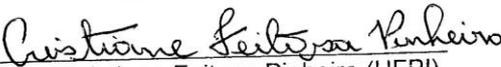
PAULO VINÍCIUS DOS SANTOS MOURA

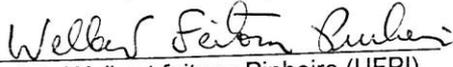
**“O FRUTO DENTRO DA CASCA”: A
CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS ADULTAS
A PARTIR DA INFÂNCIA, EM MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E DOM
CASMURRO DE MACHADO DE ASSIS**

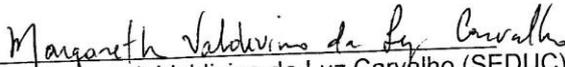
Artigo apresentado ao Curso de Letras
Português da Universidade Federal do Piauí
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção
do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 18 de Junho de 2019.

Banca Examinadora:


Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Orientadora)


Prof Dr Welbert Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Examinador)


Profª Me Margareth Valdivino da Luz Carvalho (SEDUC)
(Examinador)

“O fruto dentro da casca”: A construção das personagens adultas a partir da infância, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* de Machado de Assis¹

Paulo Vinícius dos Santos MOURA²
Cristiane Feitosa PINHEIRO³

Resumo

Este artigo tem como objetivo geral analisar a maneira que Machado de Assis construiu o caráter das personagens Brás Cubas e Bento Santiago em sua maturidade a partir da infância destas. Desse modo, especificar a importância crítica dos recortes da infância para a compreensão geral das obras **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e **Dom Casmurro**, a partir da análise biográfica destas, por meio do método dedutivo, com fundamentação das críticas de construção de personagens e trabalhos acerca de tais obras, o que possibilitou mostrar com base nessa característica de escrita do autor, como a personalidade das personagens protagonistas analisadas está presente logo na primeira fase da vida, tornando-se relevantes para todo o restante das obras através de temáticas presentes na maturidade, na infância das personagens analisadas. Para atender os objetivos alicerçou-se a análise nos aportes teóricos de Moisés (2006); Candido (2009); Bosi (2013); Coutinho (1999), além de outros que se fizeram necessários.

Palavras-chave: Infância. Maturidade. Personagens. Machado de Assis.

Abstract

This article has as general objective to analyze the way in which Machado de Assis constructed the character of the characters Brás Cubas and Bento Santiago in their maturity from the childhood of these. In this way, to specify the critical importance of the childhood clippings for the general understanding of the works **Posthumous Memories of Brás Cubas** and **Dom Casmurro**, based on the bibliographic analysis of these, through the deductive method, based on criticism of character construction and works about such works, which made it possible to show on the basis of this writing characteristic of the author, how the personality of the characters protagonists analyzed is present in the first phase of life, becoming relevant to all the rest of the works through themes present in the maturity, are found in the childhood of the analyzed characters. In order to meet the objectives, the analysis was based on the theoretical contributions of Moisés (2006); Candido (2009); Bosi (2013); Coutinho (1999), and others that became necessary.

Keywords: Childhood. Maturity. Characters. Machado de Assis.

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho e Conclusão de Curso II.

² Aluno regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: paulo.renix@hotmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Adjunto da UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI. E-mail: cristianeufpi@gmail.com.

1 Introdução

A literatura brasileira apresenta um vasto número de obras que a caracteriza, pelo teor nacionalista, cultural e crítico. Algumas obras realistas do Brasil entram nesse leque, pois apresentam uma crítica às mazelas humanas, dentro da sociedade deste país.

Francisco Maria Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, lugar onde faleceu, em 29 de setembro de 1908, foi um autor de várias obras, incluindo contos, crônicas, poesias e romances. É considerado o principal nome do Realismo no Brasil, por escrever alguns dos seus romances, estabelecendo uma sequência narrativa não cronológica, quebrando a ideia de começo, meio e fim, retomando as memórias do passado das personagens.

Ao analisar duas das principais obras de Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881) e **Dom Casmurro** (1899), constatou-se a presença da infância das personagens protagonistas nas duas obras. Na primeira, Brás Cubas e, na segunda, Bento Santiago, tornando a ênfase nesse momento da vida das personagens um fator importante para a compreensão do caráter dessas quando adultos.

O foco da pesquisa pautou-se no entendimento de uma característica na temática de Machado de Assis, já que o destaque pelos momentos da vida das personagens se torna fundamental para a compreensão dos textos, o que pode ser entendido como um artifício usado pelo autor e que se enquadra com uma escrita realista.

O estudo tem como objetivo geral analisar como Machado de Assis construiu o caráter das personagens protagonistas Brás Cubas e Bento Santiago, a partir da análise de alguns episódios da infância destas personagens. Para tanto, buscou-se analisar como o envolvimento social, o sistema de criação e os próprios comportamentos aparecem nas personagens quando adultas.

Como objetivos específicos, buscou-se encontrar a importância crítica em que os momentos da infância das personagens principais trazem para as obras em geral. Desse modo, compreender os desdobramentos dos comportamentos da criança nas personagens quando atingem a sua maturidade, entendendo assim a intencionalidade do narrador ao construir os recortes.

Entender como ocorre essa construção através dos recortes de infância e maturidade foi importante para o entendimento da primeira nas obras, sendo que a criança, formando a base da personagem quando adulta, deixa uma crítica relevante nas narrativas. Diante disso, buscou-se responder à seguinte questão-problema: Como os narradores construíram a infância das personagens Brás Cubas e Bento Santiago e estabeleceram seu impacto na vida adulta das mesmas?

O trabalho foi feito através de uma análise bibliográfica, por meio do método dedutivo, pois, partindo dele, buscou-se os momentos mais marcantes da infância e da maturidade dos personagens protagonistas para, assim, provar a importância do destaque da personagem criança nas duas obras.

Para atender os objetivos propostos e responder à pergunta de pesquisa, alicerçou-se a análise nos aportes teóricos de Moisés (2006) que traz a definição de personagem quando criança; Candido (2009) com as definições de personagens no romance, destacando a estética; Bosi (2013) e sua contribuição sobre o autor das obras em análise e o Realismo, além de outros que se fizeram necessários.

A análise feita neste segmento trouxe contribuições para quem pesquisa e estuda literatura, com foco em construção de personagens e a escrita de Machado de Assis, até mesmo no âmbito pedagógico, uma vez que a construção da personagem adulta parte da infância do mesmo.

Desse modo, o que está em análise não é apenas a temática de uma obra, mas um engenho característico na escrita de um autor, pois, parte da análise de duas obras em que apresentam com destaque as passagens por o primeiro momento na vida das personagens.

Portanto, o trabalho segue com tópicos apresentando a estética do realismo e as características do autor Machado de Assis dentro desta; após, faz uma breve discursão em torno de ficção e construção de personagens. As análises das personagens dentro das obras são divididas em dois subtópicos: o primeiro analisa a personagem Brás Cubas, sendo dividido por temáticas em três pontos, o primeiro observa o preconceito, o segundo remete à questão da educação e do fracasso, e o terceiro analisa as relações afetivas e ganancia; no segundo tópico, separado para Bento Santiago, dividido em dois pontos, um para a série de pensamentos sem nexo da personagem e o outro para o ciúme.

2. O Realismo e Machado de Assis

Na segunda metade do século XIX, com o idealismo romântico entrando em declínio, surgiu na Europa a corrente literária do Realismo. Desse modo, a nova estética apareceu contrapondo algumas características do Romantismo, como o exagero emocional, a idealização, a fantasia e uma prevalência das obras desconfortar o público burguês. Assim, a novidade eram textos que traziam críticas sociais, denúncia aos comportamentos humanos e expondo o racional no lugar do sentimento.

A nova estética surgiu afastando-se da subjetividade romântica que focava no sentimentalismo exacerbado e no interior do ser humano. Como afirma Alfredo Bosi (2013, p. 18), “o distanciamento do fulcro subjetivo (que já se afirmava na frase de Théophile Gautier: sou um homem para quem o mundo exterior existe) é a norma proposta ao escritor realista”.

A corrente realista traz uma escrita voltada à realidade e busca ver as coisas como são de verdade. O Realismo é trazido para a literatura, nas palavras de Coutinho (1999, p. 9), quando Champfleury editou, no ano de 1857, um volume de ensaios que exprimiu o pensamento realista, a saber, “mas foi com a publicação de *Madame Bovary* (1857) de Flaubert que assegurou o triunfo do Realismo em França, mais tarde confirmado, em pintura, pelo uso que fez Coubert do termo no prefácio ao catálogo da sua exposição (1855)”.

A França foi o país em que o Realismo ganhou ênfase a partir da obra de Flaubert. Assim, a França e a Europa como um todo, que sempre foram espelho para países do ocidente como o Brasil, em várias questões, a partir dos anos de 1870, começam a influenciar em revoluções políticas e culturais, economicamente e de mudança na sociedade brasileira.

Desse modo, a nova visão de se fazer literatura adentra o país, na medida em que as outras mudanças acontecem e mexem com a estrutura, como o caso do abolicionismo e ideais liberais. Conforme Bosi (2013, p. 173), de “1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo”.

A partir da influência francesa, foi que ocorreu a transição das características românticas para o novo modelo de arte no Brasil, tendo como fator importante a

criação da “Escola de Recife”, no final da década de 60 do século XIX. Destaca Bosi (2013, p. 175) que “é à ‘Escola de Recife’, isto é, a Tobias Barreto e a seu discípulo fiel, Sílvio Romero, que se deve a primeira transposição dessa realidade em termo de consciência cultural”. Então, a escola trazia uma nova maneira de ver a arte, deixando para trás a questão sentimental, passando para uma visão do social.

O Realismo brasileiro apresenta, na sua conjuntura, mudanças de foco do Romantismo, porém, permanece e enfatiza algumas funções da estética passada, como a nacionalização da língua. Conforme Coutinho (1999, p.18), “o realismo brasileiro teve ainda outro papel no que diz respeito ao processo de nacionalização da língua”. No entanto, difere no que diz respeito ao objeto analisado e retratado, que é o homem e a sociedade.

Pode-se afirmar que duas direções marcaram a evolução do realismo no Brasil a corrente social, atraída pelos problemas sociais, pelos temas urbanos, contemporâneos, pelos materiais comuns da vida cotidiana, e segundo a qual o Realismo às vezes descamba para o Naturalismo, quando assume a posição filosófica e se submete à luz de uma “teoria”; e o movimento regionalista, que põe em relevo a cor local, o papel da Terra, que é a verdadeira personagem dessa literatura. (COUTINHO, 1999, p. 17-18).

O Realismo brasileiro trilhou pelos caminhos que retratam e criticam os problemas da sociedade, da formação dos caracteres humanos corrompidos pela urbanização. Assim, o escritor realista do Brasil que mais tratou dos temas sociais e de críticas do comportamento do homem foi Machado de Assis. Desse modo, Bosi (2013) considera que é na escrita machadiana que a produção da prosa realista brasileira se acha no seu ponto mais equilibrado e elevado.

Machado de Assis foi um autor que, além da capacidade de expressar aquilo que eram características do realismo, construiu traços próprios e autênticos à sua produção, o que nas palavras de Coutinho (1999, p. 153) ele tinha “a capacidade de fazer objetos perfeitos, aptos a provocar no espectador aquela suspensão admirativa e essa espécie de sabor particular que o espírito encontra nas obras do espírito”.

Machado de Assis implementou várias peculiaridades à sua escrita, como a desconstrução da sequência narrativa, que faz o narrador voltar às lembranças e avançar no tempo dos fatos e o artifício de várias obras narradas em primeira pessoa, fazendo com que o narrador, além de relatar os acontecimentos, seja o protagonista na trama. Desse modo, as obras aqui analisadas - **Memórias**

Póstumas de Brás Cubas e **Dom Casmurro** - foram produzidas com os atributos citados.

Logo em um dos primeiros romances de Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de 1881, encontram-se os traços distintivos do autor, sendo que além dos citados anteriormente, traz um narrador que rompe com os padrões dos romances românticos. Como relata Bosi (2013), em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Machado de Assis constrói a história através de um defunto-autor, que não tem medo de falar as verdades e criticar sobre as mazelas do homem. E a respeito da criação da mesma obra, Coutinho (1999, p. 159) enfatiza que:

Machado descobriu enfim a sua vocação verdadeira: contar a essência do homem, em sua precariedade existencial. As suas personagens não apresentam mais uma estrutura moral e típica. São antes seres divididos consigo mesmos, embora sem lutas violentas, já naquele estado em que a cisão interna entra no declive dos compromissos e da instabilidade de caráter.

Como visto, desde o seu marco inicial na escrita, Machado de Assis constrói nas suas obras uma reflexão moralista e psicológica das personagens, no instante em que a visão da história desce da subjetividade romântica e passa a analisar a realidade, ou seja, os seres humanos e suas práticas e condutas. Vê-se também o toque particular do autor no romance **Dom Casmurro** (1899), em que o narrador começa a contar a história pelo olhar da velhice, na qual relembra as fases da sua vida, retornando inclusive à infância.

Do herói sem virtude, passa-se a analisar o homem e sua rotina, a luta do dia-a-dia com a sociedade e consigo mesmo, através da convivência e memórias. Bosi (2013, p. 191) afirma que "(...) Não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza". Sendo assim, tais maneiras de olhar o corpo social perpassam por todo o trabalho do autor, desde o primeiro romance até o último, mas também, nos contos, crônicas e poesias.

3. Personagem e ficção

Quando se fala em obra literária, a primeira característica que é pertinente ter conhecimento é que o texto literário se pauta no viés ficcional, ou seja, difere de outros gêneros de escrita como o jornalístico, o histórico e o científico, que desejam repassar dados concretos para um determinado público. Assim, inseparável a ideia desse tipo de texto está a presença de personagens, sendo impossível conceber um romance ou conto sem a presença desses.

Antes de discutir-se sobre os pontos de análise que a teoria da literatura faz em torno das personagens, é importante caracterizar a diferença entre o texto literário dos outros tipos de textos, mostrando que a ficção é criada a partir do engenho de construção de um autor, sem referir-se de maneira direta aos interesses de um ser da sociedade ou classe social, visando informar ou ser suporte na resolução de problemas. Segundo Rosenfeld (2009, p.17),

Uma das diferenças entre o texto ficcional e outros textos reside no fato de, no primeiro, as orações projetarem contextos objectuais e, através destes, seres e mundos puramente intencionais, que não se referem, a não ser de modo indireto, a seres também intencionais (onticamente autônomos), ou seja, a objetos determinados que independem do texto.

A diferença entre ficção e textos de outra natureza se dá no fato de, no primeiro, a obra ser criada a partir de uma construção objetivada de um autor, que cria dentro do texto, de modo intencional, um mundo, com seres e contextos específicos, mas que agem de modo que se desligam da dependência de qualquer função ou dever, ao menos de modo direto, exterior ao texto; enquanto o segundo tem a função de exprimir fatos reais, com conteúdos que dizem respeito à vida dos seres extralinguísticos.

Buscando-se entender as personagens de um texto literário, nasce a reflexão sobre o que realmente são estes seres, o que elas representam na obra. Sabendo que as personagens fazem parte de um conjunto na obra literária, sendo que por muitas vezes, fixam-se como inesquecíveis e a lembrança marcante passa a fazer parte no cotidiano.

Nos estudos em torno do que vêm a ser a personagem em uma obra de ficção, os teóricos buscam entender principalmente a relação entre personagem e

peças, procurando explicar como se dá a relação destes seres ficcionais com o ser humano real. Brait (2006) desenvolve sua análise partindo de conceitos históricos como o de **mímesis**, exposto por Aristóteles na **Poética** que, por muito tempo, foi tida como “imitação do real”, assim, a personagem aparecia como reflexo do ser humano.

A poesia dividiu-se de acordo com o carácter de cada um: os mais nobres imitaram acções belas e acções de homens bons e os autores mais vulgares imitaram acções de homens vis, compondo primeiramente sátiras, enquanto os outros compunham hinos e encómios. (ARISTÓTELES, 2008, p. 43).

A citação acima da obra de Aristóteles mostra como o mesmo via o processo de imitação nos homens. Destacado que desde as primeiras poesias, feitas a partir de improvisos, os autores eram os primeiros a imitarem os perfis ao qual cantavam as suas poesias, num processo dividido a partir da valorização de cada perfil.

A questão de imitar é o que faz a obra tornar-se universal, diferindo do carácter informador de outros tipos de textos, a partir do que é chamado de verossimilhança, que trata em demonstrar o que poderá acontecer e não algo que aconteceu, daí, a partir de representações de caracteres humanos na obra, é que surge a personagem. Segundo Aristóteles (2008, p. 54), “o universal é aquilo que certa pessoa dirá ou fará, de acordo com a verossimilhança ou a necessidade, e é isso que a poesia procura representar, atribuindo, depois, nomes as personagens.”

O pensamento de Aristóteles sobre a arte e personagens, perdurou até meados do século XVIII, influenciando os teóricos que trataram das questões da literatura, incluindo análises em torno da criação literária e formando outros pontos de vista na questão da **mímesis**, até começar a perder-se tal concepção, por conta das novas críticas e análises de personagens.

Foi a partir da segunda metade do século XVIII que as ideias de personagens, segundo a visão de Aristóteles, começaram a entrar em declínio, por conta de acontecimentos sociais que influenciaram na literatura, as modificações nos textos literários, a exemplo, o surgimento do romance e a visão do personagem como produto psicológico do seu criador, passando a destacar os sentimentalismos e as críticas sociais, ou seja, os comportamentos. Este último ponto iniciou no século XVIII, firmando-se durante todo o século XIX. Conforme, Brait (2006, p. 38), “aos

realistas e naturalistas coube perseguir a exatidão monográfica dos estudos científicos dos temperamentos e dos meios sociais”.

A evolução desde o século XVIII até o século XX acerca do aprimoramento sobre o aspecto psicológico das personagens por parte dos escritores foi algo que marcou a produção de romances, impondo a necessidade de caracterização. Sobre isso, Candido (2009, p. 60) destacou dois modos de tratar as personagens:

1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.

Dessa maneira, Candido (2009) expõe que a personagem no romance torna-se fácil de ser compreendida e delimitável, por ser elaborada num processo de caracterização, ou seja, na obra, cada personagem tem seus traços distintos, porém, são complexos porque podem apresentar surpresas.

Forster (1927), nos apresenta duas definições de personagens, teórico do século XX, que definiu a personagem em dois tipos as “personagens planas” e “personagens esféricas ou redondas”, sendo que a primeira, segundo Candido (2009, p. 62), “são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade”. No caso, são personagens que não mudam de função e não apresentam oscilação no seu modo de agir construído. No entanto, a segunda, as esféricas ou redondas, apresentam maior engenho e maior organização.

As ‘personagens esféricas’ não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (CANDIDO, 2009, p. 63).

Esse tipo de personagem, capaz de surpreender o leitor e deixá-lo atento às ações e comportamentos, é aquela que os escritores constroem com maior empenho e conhecimento psicológico, fazendo com que transite na obra não apenas com comportamentos que possam ser premeditados, mas muito além do que se espera da personagem criada.

Conclui-se que as personagens aqui analisadas pertencem ao tipo “esférico”, pois trazem complexidade e dão total suporte para as ações críticas presentes na obra.

Por fim, vale salientar a importância de outro elemento ligado à personagem, o narrador, pois sem ele é impossível que as criações do autor ganhem voz na narrativa. Do seu ponto de vista, identificam-se os tipos de narradores, a saber, em “terceira pessoa” e em “primeira pessoa”. Para Brait (2006, p. 60),

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem.

Portanto, a narração em primeira pessoa é feita pelo chamado “narrador-personagem”, que narra os acontecimentos participando da história, podendo expor o seu ponto de vista do modo que lhe convier, a que é presente nos fatos, esse é o caso de Bento Santiago e Brás Cubas.

A complexidade do entendimento de tais personagens pelas fases da vida “infância-maturidade” faz dessas duas criaturas moldadas por Machado de Assis, personagens redondas e cheias de criticidade.

4. O Menino Brás e o homem Cubas

Em 1881, Machado de Assis publicou um dos seus principais romances, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, através de folhetins. A obra foi importante para a carreira literária do escritor, pois o consolidou, segundo alguns teóricos, como um dos maiores escritores brasileiros. O romance se tornou também um marco do início do Realismo no Brasil.

A obra, como o próprio nome diz, consiste nas “memórias” de uma personagem. Foi escrita sem seguir a ordem cronológica dos fatos, ou seja, o narrador não se prende à obrigação de contar a história seguindo a linearidade de “início, meio e fim”, além de se apresentar como um narrador-defunto.

A voz que narra não hesita em relatar a sua vida e o seu descaso representando as mazelas do ser humano imerso à urbanização e um cotidiano dotado de conflitos do homem consigo mesmo. Conforme Coutinho (1999, p. 161),

Brás Cubas, nas suas memórias, revê e recompõe a vida como um insólito pesadelo, o trânsito entre dois mistérios, durante o qual o homem se agita, se debate à procura do prazer dos sentidos e da ventura do coração, mas só encontra no fundo das coisas a miséria moral, o mal físico e a morte, pois aquilo que parece um momento a poesia e a verdade da vida, as emoções da infância ou a beleza de Marcela que o levava à inconsequência e ao desatino, passam ou se convertem nos contrários.

A vivência da personagem principal, “Brás Cubas”, relaciona-se com o homem ao qual ele se tornara e o rumo que a vida tomou. O amor de adolescente, o modo sem seriedade no qual levava a vida e a infância aparecem como fatores que marcam o desfecho e a perda de sentido na qual a sua existência se tornou.

Sendo a passagem pela personagem criança, um fator importante para o entendimento do mesmo quando adulto, uma vez que a criança é a projeção da personagem adulta. Seguindo a explicação dada por Moisés (2006, p.227), a criança, ao aparecer no romance é destacada como:

1) tornam-se símbolos ou alegorias; 2) representam a personagem central durante o estágio infantil de sua existência; 3) atuam como personagens secundárias, e por isso não são elas que interessam, seja ao narrador, seja ao leitor, mas os adultos com quem se defrontam ou a quem refletem. Na última alternativa, o comportamento da criança assume um visível halo de precocidade ou deformação adulto em miniatura.

O modo como Moisés (2006) destaca a criança, não quer dizer diretamente que ela na obra não seja uma personagem, e sim, que a mesma é uma configuração do adulto, o que corresponde dizer que é uma personagem adulta na sua fase de infância e que mantém uma importância para o entendimento e completude do protagonista na fase da maturidade.

A passagem pela infância torna-se evidente e de relevância na obra **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, pois apesar de ser num curto recorte, nela é retratada com foco a convivência e a maneira de educação familiar e todo um contexto do menino Brás, influenciando no que se tornou a personagem principal,

com todos os seus costumes, sua visão defasada do mundo, seus preconceitos e atitudes.

No capítulo “O menino é o pai do homem” aparece a lembrança do menino Brás de modo bem detalhado e significativo para a análise. Pois o próprio nome indicia a notoriedade da existência do adulto já na criança da personagem. Desta maneira, é nessa primeira fase da vida que acontece a criação de comportamentos e concepções.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos. (ASSIS, 2012, p. 17).

O trecho revela a confissão do defunto-autor, que é o personagem protagonista, lembrando de maneira sincera o tempo da sua infância, o modo como foi a sua educação familiar e suas traquinagens de menino e tal comportamento pode ser vinculado ao jeito de criação, onde havia poucas reclamações por parte dos seus pais, podendo ser entendido como um apoio às peraltices. Como o narrador relatou em Assis (2012, p. 18), “[...] Meu pai tinha-me em grande admiração; e se, às vezes, me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos”. Conforme Coutinho (2011, p.79),

Nela fica assim registrado um diagrama do modelo de convivência entre as classes sociais vigentes na corte do tempo do rei. Nesse diálogo entre ficção e história, o narrador se utiliza da arrogância da criança abastada para exibir toda a prepotência de um sistema que ignora o sentido de humanidade. A crítica aqui é dirigida expressamente à instituição familiar, que respalda o desregramento infantil, heroicizando o menino em suas artes de subjugar.

A crítica persistente à instituição familiar onde o menino Brás passou sua infância é perceptível quando reflete nas ações do personagem protagonista durante todas as suas fases da vida até a sua morte. A forma como ele trata os escravos, os pobres, a sua vida amorosa, juntamente com a falta de moralidade existente no mesmo, como se observa no fragmento seguinte: “(...) Um dia quebrei a cabeça de

uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo(...) e eu tinha apenas seis anos”. (ASSIS, 202, p.17).

Na obra é notável a presença de preconceito por parte do Brás Cubas, como na passagem do capítulo “Bem-aventurados os que não descem”, quando ao prestar atenção em Eugênia, ocorre um contraste de admiração da beleza e uma repulsa por parte da moça ser coxa.

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é, às vezes, um imenso escárnio. Porque bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era uma pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. (ASSIS, 2012, p. 42).

Atitudes como essa, encontradas no texto, partem desde a infância da personagem que com a intencionalidade do autor deixou claro na obra a presença da percepção defasada e arrogante que o personagem adulto carrega. Influenciado pelo seu cotidiano envolvido numa classe social de prestígio, que desperta na criança uma superioridade perante as outras pessoas, que não possuem o seu mesmo nível econômico, cor ou físico.

Para melhor destacar as relações de ações da personagem adulta, a partir de fatos e acontecimentos relatados na infância, foram separadas algumas categorias de análise, a saber, **preconceito, educação, fracasso e relação afetiva**.

4.1 Porque não azul?

Nos capítulos em que o narrador-personagem fala sobre a infância, percebe-se a presença de escravos na sua residência e o modo como o menino Brás tratava tais indivíduos, principalmente no capítulo “O menino é o pai do homem”, em que os negros da casa são tratados sem o menor tipo de respeito.

Brás pertencente a uma família de boa condição social, foi criado mimado pela família e, as raras vezes em que era advertido por algo, uma ação ou fala imprópria a alguém importante, por exemplo, tinha o afeto do pai momentos depois de sofrer a reclamação. Mas, ninguém exigia formalidade aos negros, pois deixavam o menino à vontade, naquele contexto em que estava inserido, como adverte o tio

cônego de Bento, ao pai deste, segundo Assis (2012, p. 18), “dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino e mais afeição do que emenda”.

Um exemplo que demonstra a ação de superioridade do menino Brás sobre os escravos está no capítulo 11, quando este relata suas travessuras com uma criança escrava que morava na casa da família:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guida de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!”(...) (ASSIS, 2012, p. 17).

Estas ações, nunca interrompidas ou censuradas pelos pais do menino Brás, além de serem do cotidiano da família, que na época possuíam escravos, injeta a concepção de superioridade de indivíduo que carrega para vida toda, desde a infância, espécies de preconceitos, vistos em vários momentos na obra, inclusive o referente à cor. Pois, se a criança tinha este comportamento de predomínio sobre outros, esta concepção mantém-se na fase adulta.

A relação entre o menino Brás e a criança escrava “Prudêncio” na obra, serve para se entender o preconceito que se instala na personagem principal da narrativa, desde os seus primeiros anos de vida, em casa, ao redor da família. Diz Coutinho (2011, p. 79) que “a animalização da criança vale como uma microcena do processo de anulação da dignidade dos indivíduos privados de liberdade”.

Um exemplo de analogia feita na obra, como crítica moral do homem sobre os seus inferiores e também com a questão da cor preta, é destacada no capítulo 31, intitulado “A borboleta preta”, quando Brás Cubas, ao matar uma borboleta que adentra o seu quarto, ao instante em que se divide entre o triunfo e pesar, tenta compensar-se da ação pelo fato da tonalidade do animal.

— Também porque diabo não era ela azul? Disse comigo. E esta reflexão, — uma das mais profundas que se tem feito, desde a invenção das borboletas, — me consolou do malefício e me reconciliou comigo mesmo. Deixei-me estar a contemplar o cadáver com alguma simpatia, confesso. (ASSIS, 2012, p. 40).

Vê-se como o autor constrói a personagem descrevendo o comportamento humano de sempre se sobressair sobre os seres inferiores a este e como está arraigada a concepção de cor na mente do adulto Brás Cubas, que quando criança maltratava o semelhante a ele, por estar em lugar de escravo e negro. Assim, a borboleta representa um ser inferior e a reflexão feita por Brás do descaso com a cor do animal, representa uma espécie de preconceito que ele obteve quando criança.

Os seres estão de tal modo encadeados no universo que utilizam, segundo as suas necessidades ou seu capricho, aqueles que estão colocados no elo imediatamente inferior, enquanto que estes últimos, sem que possam alcançar ou compreender sequer os móveis da ação que padecem, exercem a mesma pressão arbitrária sobre os outros, ainda menos classificados, que se acham sob o seu domínio. (COUTINHO, 1999, p. 160).

Dessa forma, a respeito da maneira em que Machado de Assis observa os caracteres humanos e os expõe em suas personagens, mostra a arrogância do homem de se vangloriar sobre os outros seres, inclusive os de mesma espécie, mas que apesar de serem humanos aparecem em uma escala social menos privilegiada. Além disso, esta cadeia nunca termina.

4.2 Educação e fracasso

Durante todo o relato da infância de Brás Cubas na obra, tem-se a descrição tanto de uma educação familiar quanto escolar com pouco proveito para a formação moral e de conhecimento da personagem Brás, o menino mimado, criado num contexto onde se realizavam todas as suas vontades, que no lugar de preparar um ser respeitoso e consciente, formou-o um indivíduo incapaz de alcançar os desejos e sucessos na vida.

Como o próprio narrador relata sobre a educação dada pelos pais de Brás Cubas, ao mesmo no capítulo “O menino é o pai do homem”, Assis (2012, p. 18) informa que, “da colaboração destas duas criaturas, nasceu a minha educação que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta e, em partes, negativa”. E ainda, no capítulo “Um salto”, o relato de como a criança encarava a escola.

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar

cacholetas, apanhá-las e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos. (ASSIS, 2012, p. 22).

A falta de seriedade do menino Brás em relação aos estudos, fazendo do momento das aulas propensões para peraltices e lazer, em lugares que não condiziam com ambientes escolares, demonstra o desinteresse em relação à educação. Fato este, que o acompanha durante toda sua vida acadêmica.

O descaso acompanha Brás durante toda a sua vida, até mesmo ao conseguir graduar-se em Direito, na Universidade de Coimbra, o narrador-personagem, admite Assis (2012, p. 31) que “a universidade esperava-me com suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente e nem por isso perdi o grau de bacharel (...)”. Estas atitudes frustram os sonhos dos seus pais e a família nobre que viam nele uma “graciosa flor”, desde o momento em que nasceu, almejando um futuro ilustre para aquela criança.

O conteúdo sarcástico dessa afirmativa somente será plenamente apreendido pelo leitor no acerto de contas que é ‘Das negativas’, que se encerra, [...], com um ‘pequeno saldo’ para o herói: não ter feito brotar de si nenhuma ‘graciosa flor’. Pode-se dizer, então, que o romancista, nessa passagem, não exclui a criança da agudeza de suas lentes hábeis em captar as deformações do espírito presentes nos indivíduos. (COUTINHO, 2011, p. 82).

Portanto, as ações, a criação e a educação mal aplicada e apreendida que teve o menino Brás Cubas, são fatores relevantes para o desfecho da vida daquela personagem. Machado de Assis, ao escrever toda a vida de Brás Cubas, como escrito no capítulo “Das negativas” que teve, “a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do próprio rosto”, não exclui a infância da personagem da crítica do comportamento humano, sendo que é nesta fase que se é moldado e trabalhado o caráter do indivíduo.

4.3 Relações afetivas e ganância

No livro **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, o narrador destaca desde os primeiros passos da personagem Brás Cubas, até o seu definhar e a morte, uma postura corrupta nas relações pessoais e uma espécie de ganância, presente no caráter da personagem principal. Em episódios da infância como a vingança ao Vilaça, as compensações às vontades do menino tornaram-no um ser de dois pesos

e duas medidas, ou seja, uma personagem que sempre pensa em ser recompensado seja com algo recebido ou se vingando.

No capítulo 12, “Um episódio de 1814”, em que o narrador-personagem conta a lembrança de um acontecimento da infância, em que foram recebidas visitas em casa para um almoço, evidencia o mal comportamento e atitudes mimadas do menino Brás, que mantém-se inquieto durante todo o momento em que o Vilaça, visita da casa, estava a contar histórias.

Assim, Brás perdia a paciência porque, enquanto a visita conversava, não lhe era servida a sobremesa: “No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última, mas não era, e a sobremesa continuava inata”, Assis (2012, p. 21). O episódio mostra a petulância, e a falta de cordialidade e sensatez na personagem ainda criança, pois surge no menino o ímpeto de vingar-se do senhor Vilaça, pelo simples fato de não parar de falar. Portanto, desde cedo firma-se no caráter de Brás Cubas a ideia de que toda ação deve ser restituída, ou seja, o fator da recompensa.

Não foi outro o delito do glosador: retardara a compota e dera causa à minha exclusão. Tanto bastou para que eu cogitasse uma vingança, qualquer que fosse, mas grande e exemplar, coisa que de alguma maneira o tornasse ridículo. (ASSIS, 2012, p. 21).

Desde este capítulo, evidenciou-se o temperamento intimista e egoísta na criança, quando não pensa no bem estar e prazer do próximo que se extasiava ao contar suas glosas. Brás Cubas volta o olhar apenas para si e, a partir daquele momento, cria um plano de descontar a sua raiva interior no Vilaça em uma atitude de peraltice, dissimulação e falta de ética, no instante em que espiona todos os passos do mesmo. Conforme Assis (2012, p. 21), “entrei a espreitá-lo pelo resto da tarde, a segui-lo, na chácara, aonde todos desceram a passear”.

A personagem nem se importava se aquela ação era antiética para a sociedade, principalmente advinda de uma criança. A repugnância do ato se fecha no instante em que Brás presencia o beijo dado por Vilaça, às escondidas, em Dona Eusébia. O grito cantado do menino, “— Doutor Vilaça deu um beijo na Dona Eusébia”, transtorna não só os atores do beijo como todos os presentes no almoço.

A partir daí, o que fecha a evidência da criação defasada são as próprias palavras do narrador-personagem, quando afirma que o pai reclamou, mas, em

compensação, riu no outro dia, ao lembrar a travessura do menino, chegando a fazer carinho pela atitude do filho.

Foi um estouro esta minha palavra; a estupefação imobilizou a todos; os olhos espriavam-se a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos, segredos, à socapa, as mãos arrastavam as filhas pretextando o sereno. Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado deveras com a indisciplina; mas, no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir: Ah! brejeiro! Ah! Brejeiro! (ASSIS, 2012, p. 21).

Como está destacada na própria obra, a reclamação indiscreta do pai, e após as graças feitas, como se admirando a suposta “altivez” do menino, são características na escrita de Machado de Assis, na construção de personagens que andam firmando seu caráter a partir das experiências vividas.

A infância na obra é exposta exatamente para demonstrar a modelação da personalidade da personagem desde o primeiro ciclo da vida. Segundo Candido (2009, p. 73), “seria o caso das personagens de Machado de Assis (salvo, talvez as *d’O memorial de Aires*), – Em geral homens feridos pela realidade e encarando-a com desencanto”.

Um episódio em que se desdobra nessa questão de egoísmo e restituição de favores está no capítulo 70, “Dona Plácida”, quando Brás aparece tendo um caso com Virgília (esposa do Lobo Neves). É nesse episódio que Brás relata alguns agrados que fez a senhora pobre, Dona Plácida e, em seguida, uma casa que comprou e pôs a mesma para morar. No entanto, a casa e os outros favores foram dados em troca da confiança de mulher, que passou a esconder os encontros entre Brás e Virgília, na casa.

Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra. (ASSIS, 2012, p. 68).

O sistema corrupto de esperar recompensa de todo ato benevolente, ou que tudo deve ser compensado, atravessa toda a vida de Brás Cubas, sendo indiciado pelo narrador-personagem desde a infância até a sua morte. Uma espécie de personalidade corrompida pela hipocrisia que afeta os seres humanos dotados de

egoísmo e incapazes de olhar o outro sem esperar nada em troca. Segundo Coutinho (1999, p. 161),

Machado faz o leitor acompanhar a corrupção lenta dessa virtude, que se vai arruinando, em gradação contínua, num mitridatismo moral que a necessidade e o interesse estimulam, até chegar à habitação e mesmo ao gosto do arranjo. Brás Cubas em troca provê a segurança de seu futuro, e faz-lhe um pecúlio de cinco contos, aqueles mesmos que ele guardou para uma boa aplicação, e encerra o incidente de Dona Plácida comunicando ao leitor: “Foi assim que lhe acabou nojo”.

Vê-se o pensamento de convencimento do ser humano em destaque na fala de Brás Cubas. O nojo acabou quando a personagem usou da precisão financeira da senhora Dona Plácida, para convencê-la a aceitar a casa e, posteriormente, as suas propostas de guarnição.

Deve-se perceber também a relação entre Brás Cubas e Virgília. O ímpeto de interesseiro e corrupção moldado pelos pais e evidenciado pelo próprio narrador-personagem na infância, instalou-se no homem adulto. É importante lembrar que, a princípio, quando Brás conheceu Virgília, este não fortaleceu nem o intuito e nem a vontade de casar com ela, porém tempos depois, ao reencontrá-la casada, o interesse bate em seu peito e, a partir desse momento, surge o amor proibido.

A verdade é que Lobo Neves o venceu, sendo a escolha de Virgília para o casamento. A descrição do que viria a ser marido da moça, é feita por Brás através de uma comparação. Nela, a personagem principal aparenta um certo desconforto por não ver no outro nenhuma qualidade a mais que as suas.

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático e, todavia, foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. (ASSIS, 2012, p. 48).

Fica clara a reflexão feita por Brás do fato de não ter sido o escolhido para casar-se com Virgília, e ainda informa que Lobo Neves não arrebatou apenas o plano de casamento, como também, a candidatura de deputado, que eram planos almejados por seu pai.

Voltando à infância, desde os primeiros anos, Brás era estimado pelos pais e agraciado. Para eles, o maior sonho era que o filho fosse forte, gracioso e que obtivesse sucesso na vida. Fato achado no capítulo “Naquele dia”, quando aparece a fala do pai de Brás, no seu recém-nascimento: “Perguntava a todos se eu me parecia com ele, se era inteligente, bonito...” Assis (2012, p. 16).

Os mimos familiares geraram o homem vaidoso e egoísta, que tempos depois de ter perdido Virgília para Lobo Neves, sem fazer muito esforço, reacende a ideia de tê-la, ao encontrá-la num baile, ter dançado e sentido a existência do romance. Uma espécie de pensamento que almejava dar a volta por cima na situação, ressurgiu na personagem. No Capítulo 51, a fala do narrador ao sair do baile evidencia “É minha”. E a fala pode ser entendida como um sentimento de prazer por parte do homem Brás, como uma restituição do que havia sido perdido.

Portanto, no livro **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, o autor constrói a personagem principal, a partir de um narrador-personagem que conta a própria miséria e definhamento da sua vida. Bosi (2013) diz que Machado usou este artifício na construção, como se o narrador defunto representasse ao contar sua vida, as mazelas do ser humano.

Através de um narrador-personagem e defunto, Machado constrói a história do protagonista Brás Cubas desde a sua infância, passando pelos momentos de juventude, maturidade e velhice, sem importar-se com a ordem cronológica dos fatos e mostrando o fracasso da personagem, desde a forma em que foi criado quando criança até o fracasso amoroso no caso com Virgília, casada com Lobo Neves, e financeiro ao qual termina a sua vida, admitindo a sua defasagem e permitindo que o leitor encontre as ações que marcam a sua fracassada história, na qual não obteve esposa nem filhos.

5. Bentinho, Bento e Casmurro

No romance **Dom Casmurro** (1899), a história da personagem Bento Santiago é dividida em três partes, a infância, a fase adulta e a velhice, sendo esta última o período no qual acontece o relato dos fatos. A trama consiste na relação amorosa, desde criança e que se propaga até a maturidade, entre a personagem protagonista e a Capitu, através de relatos minuciosos do narrador, que procura fazer o leitor acreditar em um possível adultério por parte desta.

Pode-se notar claramente a importância da infância para a compreensão da personagem adulto em muitas partes do romance **Dom Casmurro**, pois o autor expõe as características do menino Bentinho, através do narrador em primeira pessoa, que conta suas memórias pelo viés de um autojulgamento dele mesmo para com os outros.

O homem cismado, desconfiado e cheio de pensamentos confusos existia no menino. Logo no início do terceiro capítulo, “A Denúncia”, imediatamente se nota o perfil da criança curiosa ao ouvir a conversa dos adultos, sobre o plano de ingressá-lo no seminário: “la entrar na sala de visitas quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta” (ASSIS, 2006, p. 09).

Esses comportamentos aparecem em toda a obra, mas emergem na infância do personagem Bento Santiago como um comportamento construído na criança que viveu na Rua de Matacavalos, sob os cuidados da mãe e do tio, e sem a presença do pai que faleceu precocemente.

Bentinho vivia em boas condições financeiras e numa família religiosa e moralista. Assim, sua mãe ao decidir cumprir a promessa de colocá-lo no seminário para ser padre, causa certa confusão e algumas atitudes na criança que não queria aceitar a ideia, principalmente pelo fato de um amor infantil que sentia pela jovem Capitu, sua vizinha. Esta observação é importante porque, a partir da ideia da separação deles, surge precocemente o sentimento dos ciúmes no personagem, que percorrem toda a obra.

Aquela ameaça de um primeiro filho, o primeiro filho de Capitu, o casamento dela com outro, portanto, a separação absoluta, a perda, a aniquilação, tudo isso produzia um tal efeito, que não achei palavra em gesto; fiquei estúpido. Capitu sorria; eu via o primeiro filho brincando no chão. (ASSIS, 2006, p. 66).

A temática do ciúme aparece no capítulo quarenta e cinco, quando o Bentinho está perto de entrar para o seminário e durante uma conversa com Capitu, acontece uma chuva de propostas por ambas as partes, aquele lhe propõe que seja ele o padre que faça o casamento desta. Porém, a menina diz que seria impossível isso acontecer, porque demoraria muito para Bentinho fazer os seus votos de castidade e, por isso, propunha-lhe que ele batizasse o seu primeiro filho.

Esse mesmo comportamento se repete durante toda a obra, até no período em que Bento Santiago está casado com Capitu, quando sente ciúme de tudo na sua esposa, inclusive ao falar dos braços da mesma, conforme Assis (2006, p. 128): “Já não foi assim no segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir.” Dessa maneira, a infância e a adolescência passam a ser importantes para acatar a visão do narrador e, conseqüentemente, do próprio Machado de Assis, que constrói a obra.

Rememorando, o narrador passa a existir para si e para nós, ao deparar no fluxo da memória com recantos e sensações que havia perdido. No final, ele se via inteiro no livro escrito, imobilizado num tempo interior que era, à uma razão de viver e de entediar-se da vida: no primeiro caso, porque remoía uma obsessão, no segundo, porque sua casa desaparecera e sua vida esvaziara (MOISÉS, 2006, p. 208)

Moisés (2006) ressalta a importância da volta ao tempo e do passado para a construção do personagem principal que também é o narrador, que demonstra toda uma vida dotada de obsessão e vagueza e estas duas propriedades acompanham o personagem protagonista desde a infância, onde é construída toda a sua obsessão amorosa e atitudes peculiares ao mesmo.

Para um melhor destaque da análise da personagem Bento foram separadas duas categorias, a saber, **De ideia de criança às obsessões adultas**, que remete a descoberta do sentimento amoroso na infância e os pensamentos obsessivos despertados da personagem, como o de resistência ao seminário, e **O ciúme não tem remédio**, que analisa o ciúme que perdura toda a obra.

5.1 De ideia de criança às obsessões adultas

Em **Dom Casmurro**, a infância tem vários capítulos e uma importante função, pois é a partir dela que Machado de Assis desenvolve toda a progressão do caráter de Bento Santiago, mostrando a continuidade do perfil de menino durante todas as outras fases da vida da personagem principal e como os acontecimentos e sentimentos desta permanecem e até evoluem, como por exemplo, a insatisfação sofrida ao descobrir, quando criança, os planos de executar a promessa feita pela D. Glória, a exemplo quando declarou a Capitu no capítulo XVIII, Assis (2006, p. 28): “—

Mas eu não quero, acudi logo, não quero entrar em seminários; não entro, é escusado teimarem comigo, não entro”.

Esta resistência é tão forte que acompanha a sua adolescência, quando se encontra no seminário e consiste a resistência ao local, de um modo tão pertinente que chega ao ponto da personagem desejar a morte da sua mãe, ao ir visitá-la, no capítulo “Um pecado”, como se vê em Assis (2006, p. 90): “Mãe defunta, acaba o seminário”.

A questão da recusa ao seminário é ligada ao sentimento amoroso que o menino Bentinho tinha pela jovem Capitu, de modo que no capítulo III, quando a criança descobriu — numa tarde de novembro, na Rua de Matacavalos — a realidade do plano que D.Glória ainda mantinha firme, também aconteceu uma autoconscientização do amor dele para com a vizinha, pelas palavras do criado José Dias, na conversa com a mãe do menino. Segundo Machado (2006, p. 18), “em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá”.

Essa conversa que Bento escutara e as personagens envolvidas, destacadas em capítulos que sucedem contando a história de cada uma, são marcantes para o desenrolar do enredo da obra, pelas descobertas que apresentam. Segundo Moisés (2006, p. 2010):

Como se depreende dessas referências, e mais facilmente ainda da leitura das páginas relacionadas com essas personagens, o narrador lembra-se delas com muita clareza de pormenores. Na verdade, formam uma espécie de cenário humano à história entre Capitu e Bentinho, e porque cenário, o narrador dele se recorda com mais agudeza que de tudo que lhe povoa as reminiscências.

A fala de José Dias, por exemplo, marca a criança, pois foi o momento em que Bento se pôs a pensar no sentimento que nutriu por sua amiga. Assim, no capítulo XII, “Na varanda”, Bento começa a repetir as palavras que ouviu do agregado e a recordar os fatos e acontecimentos que passou junto à menina e então a realidade do amor apareceu-lhe. Pelas palavras de Bentinho:

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera e o que pudesse vir de um ou de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a eterna Bondade, nem as demais virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me! (ASSIS, 2006, p. 21).

A conversa que Bentinho ouviu escondido torna-se importante na obra, pois é a partir dela que o menino toma consciência do amor e da promessa que mantinha-se planejada. Desse modo, a resistência ao seminário se faz desde o início, quando criança, pois a personagem principal teme se afastar e perder o amor da Capitu. De modo que chegou a ter ideias absurdas que fizessem não ir ao seminário, como o trecho citado do capítulo “Um pecado”, compara-se ao delírio que teve no momento em que ao vislumbrar o coche imperial na rua, pensou em pedir ao imperador para falar com sua mãe, no capítulo XXIX, “O imperador”: “Quando tornei ao meu lugar, trazia uma ideia fantástica, a ideia de ir ter com o Imperador, contar-lhe tudo e pedir-lhe a intervenção. Não confiaria esta ideia a Capitu: Sua majestade pedindo, mamãe cede’, pensei comigo” (ASSIS, 2006, p. 40-41).

Pensamentos fantasiosos como o de pedir ajuda ao imperador, aparecem na mente da personagem até na sua maturidade, mesmo depois de ter saído do seminário. A opinião de não aceitar o seminário remete ao sentimento que o menino nutre por Capitu, assim, a afeição dele por ela é revelada desde a infância e, com isso, várias ideias que emergem desde o início, de não deixar que se percam os planos feitos entre ambos. Isto é evidenciado pelo próprio narrador, ao perguntar a José Dias sobre Capitu, relata no início do capítulo LXII “Uma Ponta de Iago” que, segundo Machado (2006, p. 84) “equivale a compensar que a minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem”.

Capitu é a “responsável” pelas escolhas e pensamentos de Bentinho desde a infância deste, pois, aquela se tornou o dilema de toda a trama e vida da personagem principal, desde as pequenas escolhas até o desfecho da obra. Segundo Coutinho (1999, p. 165), “Bentinho, diante do primeiro grave dilema de sua vida — Capitu ou o seminário — pensa em recursos complicados e impraticáveis. Sonha, por exemplo, ir solicitar do Imperador que interceda junto a dona Glória, no sentido de devolvê-lo a Capitu”.

Ideias sem nexos como essa permeiam a obra, inclusive depois de casado, quando o seminário torna-se um obstáculo vencido e o homem Bento Santiago está a ponto da separação com sua esposa, por conta de “ciúmes exacerbados”, tem o pensamento de se matar tomando café envenenado, mas em seguida, sente o ímpeto de matar o “filho”, Ezequiel, quando o mesmo adentrou no gabinete onde

esperava a droga dissolver. Confissão do próprio narrador no capítulo CXXXVII, “Segundo Impulso”:

Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se á tomara café. (ASSIS, 2006, p. 158).

Uma ideia que pode ser chamada “delírio”, assim como a do episódio do imperador. Bento Santiago, por conta da paixão exacerbada dotada do ciúme que sente por Capitu, quase matara seu filho envenenado, e como é relatado pelo próprio narrador-personagem, “não sabe o que o fez recuar”.

Então, pode-se concluir que desde criança até adulto, a personagem em análise traz um temperamento forte, que faz brotar ideias absurdas para manter-se com razão e satisfazer seus pensamentos. Assim, não se pode deixar de analisar e enfatizar que Capitu atravessa as ideias de Bento, como sendo a peça principal para o surgimento das opiniões formadas e delírios deste.

5.2 O ciúme não tem remédio

Outro ponto que atravessa a trama da obra **Dom Casmurro** é o ciúme exacerbado que a personagem principal sente por Capitu. De modo que desde criança o indício deste sentimento é evidenciado, a começar na Rua de Matacavalos, passando pelo seminário até os períodos de casado e separação.

A primeira descrição clara de ciúme aparece no capítulo XLV, “Abane a cabeça, leitor”, quando, acontece uma chuva de promessas remetentes a um possível ordenamento de Bentinho que estava prestes a entrar no seminário. Dessa forma, uma das propostas dadas por Capitu, seria de Bento, ao se ordenar, batizar o seu primeiro filho. Surge o ciúme, segundo Assis (2006, p. 66), “quanto ao meu espanto, se também foi grande, veio de mistura com uma sensação esquisita. Percorreu-me um fluido”.

Antes da ida aos estudos teológicos, o menino Betinho aparece com um ciúme avassalador no diálogo que teve com a jovem Capitolina, a ponto de ter pensamentos que vislumbram as cenas, apenas pelo ato do imaginar e até à

questão das pazes que faz com a menina, após a proposta feita por ela, do mesmo batizar o filho. Sobre esse ato de reconciliação por coisas que não aconteceram, Schwarz (1997, p. 17), diz que:

Agora o que chama a atenção do leitor são os paroxismos de ciúme a que Bento é dado desde sempre, anteriores à paternidade e ao casamento. Ainda adolescente ele queria rasgar a amiga com as unhas, julgá-la e talvez perdoá-la por crimes que ele inventava segundo a necessidade íntima.

Ao observar os fatos, constata-se que a personagem Bento Santiago desde a sua infância, carrega o sentimento de ciúme e desconfiança para com a amada, Capitu. Chegando ao ponto de inventar coisas na sua cabeça, por momentos de ímpeto e, logo depois, restituir-se da crise e repassar de modo dissimulado ao leitor, como um modo de perdão por coisas que não passaram de criações psicológicas.

Logo após essa descrição, no seminário, aparece o sentimento descrito e confessado pelo próprio Bentinho, no capítulo LXII, “Uma ponta de lago”, quando ao receber a visita de José Dias e indagá-lo sobre Capitu, Bentinho recebe a resposta: “— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela”. Logo, ao ouvir estas palavras proferidas pelo agregado, o pensamento da personagem principal entra em ação, conduzindo a um ciúme fervoroso.

Outra idéia, não, — um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: ‘Algum peralta da vizinhança.’ Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. (ASSIS, 2006, p. 84).

Dessa maneira, o narrador-personagem vai revelando o seu sentimento, como uma característica pertencente à sua essência e personalidade, desde quando criança, podendo-se associar aos atos dos pensamentos absurdos relatados no tópico 5.1. Então, logo depois de ter casado com Capitu e ter se tornado o senhor Bento Santiago, morar na rua da Glória e manter boa relação com seu amigo Escobar e a esposa Sancha, Bento continuou a sentir ciúme da esposa por coisas

tolas como, por exemplo, à desatenção que Capitu apresentou a ele, enquanto este contava umas histórias e ela olhava o mar, refletindo e raciocinando algumas contas, no capítulo CVI, “Dez libras esterlinas”. Mas, foi no capítulo seguinte, “Ciúmes do mar”, que fez a confissão:

Venho explicar-te que tive mais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela. É sabido que as distrações de uma pessoa podem ser culpadas, metade culpadas, um terço, um quinto, um décimo de culpadas, pois que em matéria de culpa a graduação é infinita. A recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que os recordem e se deleitem com a imaginação deles. (ASSIS, 2006, p. 131).

Como pode ser observado, o processo de graduação do problema nas etapas, pelas fragmentações vai tomando espaços mais perigosos, uma vez que o ciúme já adentra a vida conjugal.

O passo adiante é o ponto crucial e mais pesado do livro, onde se dá a acusação de adultério, sem provas concretas e apenas formuladas por estas mesmas, só que de maneira mais carregadas de porções de ciúmes, em que o Bento Santiago começa a ver semelhanças do seu filho Ezequiel com o seu amigo Escobar e faz associações a ações à sua volta, à ideia de traição por parte de Capitu. No capítulo CXXXII, “O debuxo e o colorido”, apresenta a formulação do pensamento:

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar quase, até que família pêndula o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui podia ser e era. (ASSIS, 2006, p.153)

Esta parte destaca o momento em que Bento conclui a ideia de Ezequiel não ser seu filho e sim do seu melhor amigo já falecido. Deve-se lembrar que a personagem principal chega a este pensamento, apenas a partir de uma comparação feita por Capitu, sobre o olhar do menino ser parecido com o de Escobar, no capítulo CXXXI, “Anterior ao anterior”, quando diz: “— Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? (...) Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar” (ASSIS, 2006, p.153).

A respeito desses fatos, Schwarz (1997, p. 15) afirma que “a indicação ao leitor não podia ser mais clara: a personagem narradora distorce o que vê, deduz mal, e não há razão para aceitar a sua versão dos fatos”. Desse modo, o ciúme é um sentimento que acompanha a personagem Bento Santiago, desde a sua infância, até a sua maturidade e até mesmo a sua velhice, pois ao contar as suas memórias, do início até a sua separação, deixa clara até que ponto o ciúme o levou, fazendo acreditar que foi traído.

Nessa mesma linha, Senna (1998, p. 99) afirma que “e quem é esse Bentinho/Santiago/Casmurro? Em primeiro lugar, acentue-se que Bento Santiago, homem feito, repete, imaturamente, comportamentos imaturos do adolescente Bentinho”. Então, chega-se à conclusão que a temática da infância em **Dom Casmurro**, torna-se essencial para o desfecho da obra, uma vez que são encontradas atitudes no modo de agir e pensar do adulto, na própria personagem quando criança, como a paixão exacerbada, a opinião forte, dotada de pensamentos sem lógica e o ciúme

6. Considerações finais

A relevância dos recortes temporais da infância para as obras **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881) e **Dom Casmurro** (1899) de Machado de Assis destaca-se para o entendimento da crítica colocada nas mesmas e o fechamento das ideias que o autor expôs, através de um narrador em primeira pessoa que conta os fatos participando ativamente das ações.

Ao analisar as duas obras, constatou-se a presença da infância das personagens protagonistas, tornando a ênfase nesse momento da vida das personagens um fator importante para a compreensão do caráter dessas quando adultos.

A construção do caráter das personagens protagonistas em sua maturidade, nas duas obras, através de recortes da infância, feitas por Machado de Assis é relevante, pois a crítica trazida na primeira fase da vida alicerça o desfecho das personagens principais nas obras, uma vez que o desdobramento no adulto a partir da criança advém do sistema de criação e educacional, o social e comportamentos próprios aos indivíduos construídos por um processo intencional do autor.

Através dos narradores em primeira pessoa foram feitas as descrições das personagens principais quando criança, dado que a voz que narra as duas obras é a voz das próprias personagens. Assim, constatou-se que a construção da infância se deu com relatos de atitudes que aparecem presentes nos narradores-personagens e que perduram por toda a obra, de tal modo que o impacto na vida adulta destas é estabelecido ao mostrar a importância da fase inicial como molde para a iniciação e formação das personalidades humanas. Assim, o recorte das personagens criança, possui significância na trama, pois, sem este a obra perderia a sua criticidade e o seu valor representativo.

Foi possível constatar a presença de atitudes e características nas personagens Brás Cubas e Bento Santiago quando adultas em descrições feitas na infância das mesmas. Desse modo, essa relação de compatibilidade nos caracteres e ações da infância-maturidade demonstram um artifício da escrita de Machado de Assis, mostrando a ideia que é nas primeiras etapas da vida que se constrói o homem.

A temática do trabalho se tornou importante no estudo da literatura e, principalmente, em torno da obra de Machado de Assis, pois permitiu o acesso para a observação dessa vertente nos dois romances e possíveis estudos mais abrangentes em outras obras do autor, nas quais se pode notar a presença da mesma importância dada à infância.

Uma vez que se fixa o olhar para uma mesma temática, tem-se uma análise voltada para um ponto temático característico de Machado de Assis, que frisa o recorte da infância nos textos, como um pilar importante para a construção dos perfis adultos das personagens protagonistas. Assim, foram analisadas uma série de comportamentos que prevaleciam na maturidade de Brás e Bento, em vez de uma única característica.

Portanto, a construção das personagens adultas resulta de fatos e comportamentos adquiridos na infância, como a educação, a paixão exacerbada e as travessuras, dando origem a seres sem virtudes, dotados de sentimentos vagos, complexidades e individualização.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008;

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo, SP: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2006;

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 05 ed. Jaraguá do Sul, SC: A & A Stúdio de Criação LTDA, 2012;

BRAIT, Beth. **A personagem**. 08 ed. São Paulo, SP: Ática, 2010;

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2013;

CANDIDO, Antônio. A Personagem do Romance. In: ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de ficção**. 11 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009;

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Global, 1999;

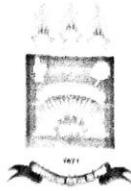
COUTINHO, Fernanda. Representações da infância na obra machadiana: o menino é o pai do homem? **Machado Assis Linha**, Rio de Janeiro. V. 4, n. 8, p. 74-89, dezembro 2011;

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária: Prosa I**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006;

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antônio; PRADO, Décio de Almeida & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 11 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009;

SCHWARZ, Roberto. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997;

SENNA, Marta de. **O olhar oblíquo do bruxo**: ensaios em torno de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
 Artigo

Eu, Paulo Vinicius dos Santos Moura,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
"O fruto dentro da casca": A construção das personagens
adultas a partir da infância, em Memórias Póstumas de
Brás Cubas e Dom Casmurro de Machado de Assis.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 03 de dezembro de 2019.

Paulo Vinicius dos Santos Moura
Assinatura

Paulo Vinicius dos Santos Moura
Assinatura